



O TÊXTIL

ORGANIZAÇÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

GRANDE MANIFESTAÇÃO DO 1º DE MAIO NO PORTO

O 1º de Maio foi este ano comemorado no Porto com uma grande manifestação que concentrou cerca de 20 mil pessoas na Praça da Liberdade e Avenida dos Aliados.

Eram operários, jovens trabalhadores, empregados, estudantes, intelectuais, homens e mulheres que, ao chamamento do Partido Comunista, participavam nesta grande jornada de luta antifascista, enfrentando combativamente as forças repressivas.

Às 6 e meia da tarde, hora marcada para a manifestação, no meio daquela massa de milhares de pessoas que enchiam a Praça, ergue-se a bandeira Portuguesa e levantam-se cartazes com os dísticos: « Viva o 1º de Maio »; « Abaixo a Guerra Colonial »; « Abaixo o Aumento do Custo de Vida »; « Operários-estudantes Unidos »; « A Juventude Está Contra a Guerra Colonial ».

Canta-se em coro o Hino Nacional.

Mihares de manifestos são lançados ao ar e o vento espalha-os por toda a Avenida, enquanto a multidão grita: « Aumento de salários! Abaixo a carestia da vida! Fim das guerras coloniais! Abaixo o fascismo! »

Começa a ofensiva policial.

A PIDE-DGS, PSP e Legionários ocupavam em força o extremo sul da Praça e o alto da Avenida, as esquinas de acesso à Praça e Avenida e espalhavam-se por outros pontos do centro da cidade. Investem com violência contra a massa de manifestantes, começando por atacar o grupo

(continua na pág. 2)

A GREVE DEU A VITÓRIA AOS OPERÁRIOS DE FAFE

Naquela tarde de Janeiro, os operários e as operárias do 2º turno da secção de tecelagem da Fábrica do Ferro deram o passo decisivo para a vitória na luta por aumento geral dos salários, no que foram seguidos pelos seus colegas do 3º e do 1º turno. As máquinas pararam. Os operários fizeram greve. Durante um dia, não trabalharam.

Nem as ameaças, nem as promessas, demoveram os valentes trabalhadores. Os lhes davam o aumento, ou não trabalhariam. E isto dentro da fábrica.

Um dos patrões apareceu. Em vão. Os tecelões e as tecedeiras, mantiveram-se firmes. E só voltaram ao trabalho depois da vitória, que se

TEXTEIS DE GUIMARÃES ATENTOS ÀS ELEIÇÕES DE 1972

No próximo ano, devem realizar-se eleições no vosso Sindicato. Seguindo o exemplo dos têxteis do distrito do Porto e do concelho de Fafe, começai quanto antes a tratar de formar uma lista composta por homens e mulheres de vossa confiança, trabalhadores honestos, firmes e combativos que, com o vosso apoio, sejam eleitos para a gerência do Sindicato.

Criai imediatamente uma comissão Sindical com gente do maior número possível de empresas, para promover as reuniões necessárias e organizar um caderno reivindicativo que seja o programa da futura direcção.

Avante, têxteis de Guimarães, à conquista do Sindicato!

traduziu pela conquista de 20\$00 por dia, em média. Em muitos casos, como o de mulheres recebendo o salário miserável de 40\$00 até aí, tal vitória representa um aumento de 50%.

Os valentes operários e operárias da Fábrica do Ferro dão o exemplo de como, frente ao patronato, esgotadas todas as outras possibilidades, há que passar audaciosa e corajosamente a formas superiores de luta, no caso concreto à greve, para conseguirem conquistar as suas justas reivindicações.

A greve foi geral na secção de tecelagem, com mais de 600 trabalhadores nos 3 turnos e parcial noutras secções

(continua na pág. 2)

GRANDE MANIFESTAÇÃO DO 1º DE MAIO

(contin. da pág. 1)

compacto que avança na direcção da Câmara. Mas os manifestantes não se ficam, defendem-se valentemente. Há muitos feridos entre o povo, mas também a policia tem feridos, entre eles um subchefe. Um jovem operário cai e é espancado brutalmente. Outro jovem resiste à prisão e um grupo de manifestantes derruba os pides a murro e pontapé para facilitar-lhe a fuga. São tantas as cenas de pancadaria da policia e resistência dos manifestantes que é impossível descrevê-las todas. O espirito de resistência da multidão é bem caracteri-

zado pelo grito duma mulher do povo: «Bandidos, matam-nos à fome e ainda nos batem!» O entusiasmo e a combatividade dos manifestantes cresce com o calor da luta. Um jovem diz para a policia: «Vocês são uns cobardos, só batem em pessoas indefesas! Não tenho medo. Dentro em pouco sou obrigado a ir para a guerra. Por isso, para morrer, prefiro morrer aqui.»

Vêm os carros da água, tentando dispersar a manifestação. Depois, uma canadiana da policia com alti-falante, grita ameaças. Mas o povo responde com vaías e não arreda pé, continuando a manifestar o seu ódio ao fascismo e à guerra colonial.

Entretanto, no Largo dos Leões, há mais choques entre policia e manifestantes. Várias pessoas ficam feridas.

Na Ribeira, pelas 8 e meia, desenrola-se nova manifestação com umas 500 pessoas e a policia faz mais prisões.

PROTESTANDO CONTRA A REPRESSÃO E RECLAMANDO A LIBERTAÇÃO DOS PRESOS NA MANIFESTAÇÃO, já estão a correr um telegrama e um abaixo-assinado dirigidos a M. Caetano.

Outras comemorações do 1º de maio

Os pescadores de Matosinhos fizeram greve, recusando sair para o mar na véspera do 1º de Maio, exigindo assim o feriado do Dia dos trabalhadores. Das 140 a 150 traîneiras de Matosinhos só umas 6 a 10, no máximo, foram ao mar. Três grupos de pescadores que se juntaram

para impedir que os seus camaradas partissem, não o puderam fazer devido à presença da PIDE e Policia Maritima.

Aveiro — Na manhã do dia 1º de Maio grupos de trabalhadores e de jovens dos liceus ao foram cemitério colocar ramos de cravos vermelhos no túmulo de Mário Sacramento.

Reunião de metalúrgicos — No Porto, no dia 1º de Maio realizou-se um colóquio sindical, com a presença de mais de 50 pessoas, na maioria jovens. Também estiveram presentes metalúrgicos de Espinho e da Trofa. Discutiu-se a actividade sindical em vários países do Mundo, nomeadamente nos países socialistas

Têxteis da Covilhã — Para o Sindicato Têxtil estava convocada uma Assembléia para o dia 1º de Maio.

Também no Sindicato de Seguros do Porto estava marcado um colóquio para o dia 1º de Maio.

depois do 1º de maio intensifiquemos a luta

As comemorações do 1º de Maio em todo o país, particularmente a grande manifestação no Porto onde se concentra em maior numero a classe têxtil, são um bom estímulo para o desenvolvimento da luta dos operários têxteis, quer no plano sindical por eleições e novos contratos, quer nas empresas por aumento imediato de salários.

A GREVE DE FAFE

(contin. da pág. 1)

ções. Ao todo, 800 a 1.000 dos 1.200 operários da fábrica participaram na greve.

Vencido e raivoso perante a unidade dos trabalhadores, o patronato, semanas depois, recorreu indiscriminadamente à repressão, tendo despedido 15 homens e 2 mulheres que acusou de instigadores, um dos quais, inclusivamente, há tempos não ia à fábrica por estar com baixa por doença!

Operários têxteis! Tal como o fizeram os valentes trabalhadores de Fafe, apresentai em cada empresa as vossas reivindicações e, tal como eles, lutai decididamente por elas até à vitória! Em caso de despedimentos, mantei-vos unidos e gritai «ou trabalham todos, ou não trabalha ninguém!»

D 251 5

DENUNCIA IMEDIATA DO ACTUAL CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO

Em Março, entrou em vigor mais um contrato-burla, que não satisfaz, nem de longe, as reivindicações salariais, de subsídio de férias e outras que, desde 1964, a classe têxtil algodoeira vem reclamando. Trata-se, pois, de um contrato com mais de 7 anos de atraso! Por isso, há que denunciá-lo desde já e elaborar outro que contenha as vossas reivindicações actuais.

a par da luta por eleições a luta por um novo contrato

A manobra do patronato ao fazer protelar as eleições sindicais visava a afastar os trabalhadores, directamente e por intermédio de direcções de sua confiança, da discussão e defesa de cláusulas que satisfizessem as nossas justas reivindicações.

O prolongamento actual de uma tal situação, tem agora por objectivo entreter os tra-

balhadores e as comissões sindicais com a luta exclusiva por eleições, retardar estas e, assim, retardar também a denúncia do presente contrato-burla.

A luta por eleições é justa e deve prosseguir sem desfalecimento. Mas a par dela, há que desencadear IMEDIATAMENTE a luta por um novo contrato.

saudação de o «têxtil» ao partido comunista português

Em 6 de Março, completou o P.C.P. 50 anos da sua fundação. Partido da classe operária, Partido de todos os trabalhadores manuais e intelectuais, o Partido Comunista Português tem sido o guia seguro na luta dos trabalhadores contra o patronato e o fascismo pelas suas reivindicações imediatas, de salário, de assistência, de férias, contra os ritmos infernais de trabalho, contra os despedimentos, etc.; tem sido o mais consequente e intransigente lutador pelo derrubamento do fascismo e a instauração de um regime verdadeiramente democrático que dê ao povo português e em particular a classe operária o direito de serem donos dos seus próprios destinos.

Obrigado pelo fascismo à mais severa clandestinidade, muitos dos seus militantes e dirigentes têm passado longos anos encarcerados. Muitos destes, pagaram com a vida o seu amor à classe operária e ao povo português, entre os quais MILITÃO BESSA RIBEIRO, operário têxtil, membro do Secretariado do Comité Central, que morreu na Penitenciária de Lisboa após longo sofrimento.

«O Têxtil» apresenta ao Partido Comunista Português, pelos seus 50 anos de luta, fraternais saudações proletárias.

Viva a classe operária!

A nossa luta no momento presente, deve, pois, orientar-se nestas duas direcções.

A luta por um novo contrato, deve desenvolver-se nas empresas e nos sindicatos.

NAS EMPRESAS, fazendo reuniões em que se discutam as reivindicações a serem imediatamente apresentadas à gerência, por intermédio de comissões de trabalhadores, de abaixo-assinados e de concentrações.

NOS SINDICATOS, fazendo reuniões, concentrações e assembléias, para reclamar das direcções e das comissões administrativas que denunciem DESDE JÁ o contrato em vigor, pois este tanto pode ser denunciado com 5 meses de antecedência como com 6 ou 7. Fazendo reuniões amplas para elaboração, discussão e aprovação por todos nós de um novo projecto de contrato. Não é cedo para o fazermos. O tempo passa depressa. E se até 22 de Dezembro não denunciarmos o contrato-burla e não elaborarmos um projecto que nos satisfaça, teremos que gramar aquele, pelo menos, mais um ano.

Mãos à obra. Em frente na luta por eleições! Em frente na luta por um novo contrato colectivo de trabalho!

rádio português livre

Transmite das 8 às 8,30 em 19 metros. Das 19 às 21 h. em 26 metros. Da meia noite e 20 m. à meia noite e 50 m. em 26, 52 e 56 metros. Aos domingos há emissão às 15 h em 19, 20, 25 e 26 metros.

NÃO AOS DESPEDIMENTOS

E AO AUMENTO DO RITMO DE TRABALHO

Desde 1964 que a classe têxtil espera por novo contrato colectivo de trabalho que lhe resolva alguns dos variadíssimos problemas com que se debate, desde salários a assistência, salário igual para trabalho igual, castigos, multas, despedimentos, horário de trabalho, etc.

Ao longo de todo este tempo, o patronato, de conluio com o governo, tem tentado e conseguido protelar a situação, não olhando a meios para atingir os seus fins. Desde a colocação de comissões administrativas à frente do Sindicato, compondo-as de fantoches corruptos, facilmente por eles manobráveis para segulrem a linha ditada pelos grandes senhores da têxtil, evitando assim que a classe pudesse servir-se devidamente do Sindicato para, através dele, melhor defender os seus interesses, até agora à mais recente manobra com o Sindicato do Porto, tudo lhe tem servido.

Aqui, no Sindicato do Porto, como não pudesse já usar de tal artimanha e vendo que no terreno legal de eleições para o Sindicato a situação lhe era fortemente desfavorável, tirou outra «carta da manga» e, aproveitando-se dos alçapões que a lei fascista lhe concede, vá de mandar os seus lacaios, quase sobre a hora, a impedir que as eleições se concretizassem, metendo a comissão de verificação em tribunal, acusando-a de «ser pouco vigilante» ao ponto de deixar passar uns quantos «comunistas» na composição da lista da clas-

se...

Mais uma vez, os grandes patrões da têxtil não olhavam a meios. O que lhes interessava de momento era anular as eleições. O meio para o conseguir, qualquer servia. E como honestidade e verdade são palavras e conceitos que esses senhores, pela sua condição de classe, não usam nem conhecem, vá de socorrer-se da provocação política para conseguir o almejado objectivo.

Contando também de antemão com a burocracia dos tribunais fascistas sabiam que esse golpe lhes daria margem suficiente para o que de momento mais lhes interessava — as negociações do contrato colectivo de trabalho.

Efectivamente, além do receio de perderem o controle da vida do Sindicato do Porto, aos senhores da têxtil não lhes convinha, por razões claras, que a direcção eleita pela classe participasse directamente nas negociações do contrato então em curso. O controle da situação podiam-lhes fugir imediatamente das mãos. O suborno habitual depararia certamente com a integridade e a honestidade de trabalhadores ligados aos problemas da sua classe e dispostos por isso a defendê-los. Havia portanto que mudar de tática para servir a mesma estratégia. E foi o que os senhores da têxtil fizeram.

No decorrer das negociações, estes, mesmo assim, apesar das madobras feitas, não se puderam furtar a que, desta vez, em alguma coisa

cedessem. Nomeadamente, em cerca de 20\$00 por dia de aumento de salário para um sector da indústria — as mulheres tecedeiras.

Não de boa vontade, como é evidente. Nenhum patrão cederá de boa vontade qualquer reivindicação, por pequena que seja, aos trabalhadores. Embora algumas vezes tente mascarar as suas cedências, procurando dar a ideia de que se trata de «gestos de boa vontade», a verdade é sempre outra. Ele cedeu porque encontrou pela frente a força unida dos trabalhadores em luta.

De facto, esta cedência não está desligada da forte disposição de luta e do profundo descontentamento manifestado pela classe e expresso em amplias assembleias, durante o período eleitoral e para além dele, onde, de modo entusiástico, as reivindicações dos trabalhadores vieram do de cima em discussões vivas e de grande participação. Como também não está desligada da pressão que a classe exerceu junto das direcções e comissões administrativas que negociaram o contrato, obrigando-as assim a não cederem em tudo quanto o patronato pretendia.

Mas, obrigado pelas circunstâncias a ceder num ponto, o patronato pretende agora, rapidamente, ser indemnizado dessa cedência.

Como? À custa do suor de cada operário têxtil.

Para isso e já com ameaças veladas, deu a entender

(contin. na pág. 6)

MAIS ACCÇÃO E DINAMISMO NA LUTA PELAS ELEIÇÕES SINDICAIS

Aos entraves e manobras de toda a espécie por parte do patronato e do governo, têm os operários que responder com a sua unidade e organização, únicas armas de que dispõem, para impôr a realização rápida de eleições.

No Sindicato do Porto, existe há muito tempo uma comissão administrativa. A Secção de Famalicão, é administrada por uma direcção que não merece a confiança dos trabalhadores.

Num e noutro caso, os operários têxteis elaboraram listas de corpos gerentes que se apresentaram para concorrer às eleições. Num e noutro caso, o patronato e o governo, tendo como certo que os seus fiéis servidores e laiaios seriam postos na rua e colocados em seu lugar trabalhadores em quem os seus colegas confiam, têm lançado mão das mais variadas arbitrariedades, ao abrigo da lei fascista, para retardar a realização das eleições, esperando assim amolecer a combatividade dos operários.

Que se passa com o Supremo Tribunal Administrativo?

Já são passados alguns meses depois que a sentença do Tribunal de Trabalho do Porto deu o seu parecer favorável aos trabalhadores.

Não contentes com o resultado porque, como muito bem se compreende, não servia os seus interesses, os laiaios do patronato interpuzeram recurso da sentença para o Supremo Tribunal Administrativo, em Lisboa.

Entretanto, passados já muitos meses, nada se sabe. Os muitos milhares de trabalhadores têxteis do distrito do Porto continuam a ser prejudicados com uma situação que há longo tempo se arrasta.

Que se passará? Em que data pretenderá o Supremo Tribunal Administrativo dar o seu parecer? Mais uma vez temos a burocracia fascista ao serviço do patronato.

E com o Tribunal de Trabalho de Famalicão que se passará?

Invalidada arbitrariamente pela comissão de verificação a lista proposta pela classe para a Secção Sindical de Famalicão, os candidatos respectivos apresentaram imediatamente uma acção de impugnação das eleições realizadas em 28 de Fevereiro.

Vão decorridos três meses e nada de o Tribunal se decidir a reunir. Dois meses

2.000 TÊXTEIS EM LUTA

Cerca de 2.000 operários têxteis das empresas Manuel Lopes & F^o, Fábrica Barros, Consórcio Laneiro de Portugal (de Lisboa), Penteações (de Aliandra) e de 2 secções de uma fábrica da Guarda e de outra de Unhals da Serra, fizeram paralizações de meia hora protestando contra as manobras patronais e do governo para entrar as negociações do novo Contrato Colectivo de Trabalho.

mais e as férias judiciais Prolongarão pelo menos até Outubro a situação de ilegalidade existente.

Accções de massas Eis o caminho a seguir

Só com protestos e acções massivas, as dezenas de milhares de trabalhadores do distrito do Porto e do concelho de Famalicão poderão forçar os tribunais a decisões rápidas.

É preciso que em cada empresa se forme imediatamente uma comissão de trabalhadores. É preciso que estas promovam reuniões e abaixo assinados de protesto dirigidos a cada tribunal e ao ministro das Corporações. É preciso que os trabalhadores se concentrem no Sindicato e na Secção Sindical e aí realizem reuniões de onde sejam enviados telegramas também ao tribunal e ao ministro. É preciso que os trabalhadores se manifestem junto das delegações do INT. É preciso que vão aos jornais e que reclamem destes a publicação do protesto dos trabalhadores.

É preciso que as Comissões Promotoras das Listas se encabezem e dirijam corajosa e decididamente todas estas acções. É preciso que as Comissões Promotoras mantenham um contacto mais regular e mais estreito com toda a classe, através de circulares, de reuniões e de assembléias, onde se discuta o problema e se tomem decisões quanto ao que há a fazer para acabar rapidamente com a situação actual.

TEXTEIS DA COVILHÃ SÓ A UNIDADE E A LUTA VOS DARÃO A VITÓRIA

Há vários meses que os operários têxteis da Covilhã se vêm movimentando pela revisão do Contrato Colectivo de trabalho. Um passo importante nesta luta foi dado pela classe, ao conseguir impôr a realização de reuniões regulares no Sindicato, vencendo a má vontade da Direcção que não estava disposta a ceder o Sindicato para estas reuniões.

Em Março e Abril realizaram-se reuniões semanais no Sindicato com a presença de 300 a 400 operários para discutir o que se vai passando à volta das negociações do CCT e outros problemas de interesse para os têxteis da Covilhã. O elevado número de participantes nas reuniões e os problemas discutidos, mostram o interesse e a combatividade da classe na defesa dos seus direitos.

mais vigilância sobre e direcção sindical

Estarão os têxteis da lâ suficientemente vigilantes e atentos à actuação da Direcção Sindical?

Soube-se que a Direcção do Sindicato da Covilhã estaria disposta a aceitar as alterações ao CCT propostas pela Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, que se traduziriam numas ligeiras alterações ao contrato e num reduzido aumento de salários. As Direcções dos restantes Sindicatos, com destaque para a de Lisboa, é que não aceitariam essas condições.

Esta informação deve alertar os têxteis da Covilhã para que exerçam maior vigilância sobre a actuação da Direcção

do Sindicato. Ela pode fazer o jogo dos patrões, assinando um Contrato contra os interesses dos operários.

Várias posições da Direcção, atitudes conciliatórias com o patronato e portanto contrárias aos interesses da classe tomadas por alguns dirigentes, assim como o Boletim do Sindicato em cujo 1º número se prégava a colaboração capital-trabalho, foram já criticados pelos operários, mostrando-lhes que não há que ter grande confiança numa tal Direcção. Ela só actuará em defesa da classe se a pressão for muito forte e se a classe estiver bem unida e organizada. Para isso é necessário que os operários e sejam Comissões de Unidade Sindical, bem apoiadas pela

massa, e capazes de elaborar um Caderno com as reivindicações da classe para a revisão do CCT.

uma nova lista para as próximas eleições

Há que começar desde já a trabalhar para as eleições sindicais do próximo ano. Formar nas empresas Comissões Promotoras de uma lista para a Direcção, da confiança dos trabalhadores. Isto terá ainda a utilidade de servir como pressão sobre a actual Direcção.

Uma actividade dinâmica e bem organizada para as eleições sindicais do próximo ano, servirá ao mesmo tempo a luta que se está a travar pela revisão do CCT.

NÃO AOS DESPEDIMENTOS

(contin. da 4ª pág.)
os seus planos. Prepara-se assim para lançar no desemprego algumas mulheres têxteis, pretendendo compensar o seu despedimento com o aumento do número de máquinas para cada operária que ficar. Economizaria assim, com esses despedimentos, a diferença nos salários que é obrigado a pagar.

O que significa isto?

Que, máis uma vez, se uma oposição forte e unida da classe têxtil não se manifestar, o patronato pretende recompensar-se nos seus lucros à custa do suor dos operários e lançando outros no desemprego.

O aumento de máquinas para cada operária vai significar, na prática, um aumento

infernal do ritmo de trabalho atendendo até a que, já agora, o número de teares por cada operária é exagerado.

Alerta, pois, trabalhadora têxtil!

À medida que o patronato pretende pôr isto em prática, deveis responder com a vossa luta unida, não permitindo que nenhuma colega seja despedida.

Só a resposta pronta e decidida, só a luta unida de todos os operários e operárias têxteis impedirá que se concretizem os objectivos do patronato.

Um NÃO, firme, aos despedimentos e ao aumento do ritmo de trabalho, deve ser a resposta pronta de todos os operários e operárias têxteis!